

A Face da Verdade

A firmeza da posição brasileira diante dos credores internacionais se sustenta pela coerência entre o que o governo diz e o que faz. A sofreguidão retórica, no passado, se destinava apenas ao consumo interno porque não enganava mais os organismos e instituições financeiras internacionais. O Brasil assinava de olhos fechados todos os acordos, nos termos que lhe eram submetidos, simplesmente porque não tinha condições de honrar os compromissos assumidos. Mandava cartas de intenções sem o menor propósito de cumpri-las.

Retórica não paga sequer juros de dívida. Há seis meses o Brasil passou a fazer o jogo da verdade com os credores privados e os organismos internacionais, para se dar ao respeito. Dignidade de governos não está nas palavras, mas nos atos. Desde o começo, o governo que os brasileiros elegeram pelo voto direto entendeu que tinha se esgotado a margem de manobras dilatórias e, portanto, só lhe resta assumir compromissos que possa honrar.

"Nosso país mudou", faz questão de dizer a ministra Zélia Cardoso de Mello. Da mesma forma que os governos passados assinavam sem ler qualquer compromisso, porque não havia a intenção de cumprir o acertado, o governo atual se recusa a assinar o que não possa honrar. Relações francas e leais podem ter alguma dificuldade no começo, mas acabarão convencendo os parceiros da dívida brasileira de que o caminho é este. O FMI pode testemunhar o que o Brasil já realizou em seis meses. O combate à inflação vai passar à última fase.

Não é jogo de retórica a observação de que "a coerência é o nosso melhor ativo", feita pela ministra da Economia. Sem coerência entre a

palavra e a ação não seria possível ao Brasil manter diante dos seus credores a posição que teve o mérito de calar o coro interno dos que queriam fazer do calote um manto para esconder a incompetência e os privilégios. A coerência se encarrega de manter os credores externos numa linha de respeito pelo que foi conseguido em seis meses.

A credibilidade governamental não é bifronte: não tem, portanto, uma face para dentro e outra para fora. A palavra que vale para os brasileiros terá que valer para os credores internacionais do Brasil. Não há resultados econômicos e financeiros que sejam secretos e não possam ser mostrados a uns e outros.

Os arautos do calote perderam a voz diante do efeito persuasivo da posição brasileira que reconhece a dívida e afirma a disposição de pagar os juros, a partir dos atrasados, desde que readquiram condições de dar esse passo sem sacrificar o programa de recuperação da economia. A pressão dos bancos é que está dando agora o tom retórico ao debate, porque finge desconhecer um resultado de que está ciente.

Os credores internacionais estão perfeitamente cientes de que não podem levar a questão a um impasse sem se contradizerem, pois todas as instituições, públicas ou privadas, recomendavam o combate à inflação nos termos rigorosos com que está sendo conduzida a batalha dentro e fora da administração brasileira. Para pagar pontualmente, o Brasil precisa antes recuperar, para a sua economia, condições que lhe permitam desembolsar quantias que não sacrifiquem o seu esforço de crescimento, que é, em última análise, a maior garantia de que será capaz de manter em dia os seus compromissos internacionais.